

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

VIGÉSIMA-PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

NA tarde de 3 de Abril a Sociedade Nacional de Belas-Artes abriu as salas do Palácio da rua Barata Salgueiro para a sua vigésima primeira exposição.

No catálogo figuraram 360 trabalhos, sendo 197 a óleo, 94 em aguarela, 37 em desenho e pastel, 9 em escultura e 23 em arquitectura. Concorreram mais de 60 artistas e da velha geração apenas três nomes: Columbano, Carlos Reis e Veloso Salgado. Começemos por estes.

Columbano. — Se a sua certidão de nascimento lhe dá perto de 70 Janeiros — o seu pincel maravilhoso de que tem saído tanta obra-prima, conserva ainda a mesma mocidade, o mesmo equilíbrio e a mesma firmeza. Para Columbano a pintura não é apenas o seu maior e mais belo sonho, é também a sua linguagem natural. Columbano raras vezes fala. Não é um misonthropo. É um escravo e um enamorado do seu Sonho de Arte. Como um monge que foge do mundo desvaireado e vão e se encerra na sua estreita cela para conversar a sós com Deus, Columbano vive também enclausurado na sua discreta e silenciosa oficina — pintando. Passaram os anos fugitivamente e Columbano não os sentiu correr. Embranqueceram os seus cabelos, o corpo alquebrou-se um pouco — mas como o seu Sonho é o mesmo e na sua alma a emoção não arrefeceu, o seu pincel guarda ainda a sua mocidade invencível e forte. Diante dos seus quadros os próprios pintores modernistas demoram seus olhos, com admiração e respeito. O saudoso Santa Rita Pintor dizia muitas vezes: — «Se todos os pintores fôsem como Columbano, — o futuro não teria razão de existir.»

Columbano, com os seus sessenta e pico, é ainda — por milagre do seu sonho sempre vivo — o mais moço de todos os grandes pintores portugueses.

Columbano expôs três trabalhos a óleo, três pequeninas obras-primas, sendo a *Natureza morta* uma das mais maravilhosas coisas que do seu pincel tem saído. Linda também uma aguarela — *Primavera*.

Carlos Reis. — Como Columbano, o pintor Carlos Reis não se sente envelhecer. Antes o seu pincel remoça de dia para dia. A paisagem sai-lhe de ano para ano mais humana e mais sentida. Carlos Reis há vinte anos irritava muita gente com o esplendor alacre da sua pintura iluminada, mas hoje ele é um dos melhores intérpretes da paisagem portuguesa — expressiva e policroma. Discípulo de Silva Porto — Carlos Reis herdou-lhe o sentimento. E como Silva Porto ele tem pintado nas suas telas a gente e as paisagens portuguesas.

Veloso Salgado. — O admirável pintor do *Amor e Psyche* — uma das obras-primas do nosso museu de Arte Contemporânea — e de outros quadros que o tem imposto como um dos nossos grandes pintores — foi bastante infeliz este ano com as suas composições. É já manifesta a decadência deste artista de há anos para cá. A *Juventude*, que o Estado adqui-

riu, é uma coisa péssima. Quasi tudo nesse quadro é mau. A saia, por exemplo, dum amarelo cru e baço, não tem ondulação, nem leveza nem frescura. O todo dá o aspecto de uma oleografia inglesa.

Mas vejamos agora os artistas mais novos, um pouco ao correr da penna, abreviadamente, que o espaço não é muito — e apenas uma impressão eu de-sejo escrever e não uma critica minuciosa. Sigamos pela ordem do catálogo:

D. Sara Afonso. — Discípula de Columbano, honra o mestre. Há personalidade no seu retrato. Os seus jardins revelam uma nova beleza. Original a sua maneira.

Alves Cardoso. — É admirável a fecundidade deste artista, por vezes irregular, mas sempre superior. A sua pincelada larga e precisa. Todos os assuntos lhe são familiares. Bons os seus retratos. Interessante a *Descamizada* e digno de registo a *Volta ao pasto*. Alves Cardoso ainda que pertença à nova geração, de há muito que está incluído entre os mestres da pintura contemporânea.

Carlos Bonvalot. — Ainda há pouco tempo, na mesma Sociedade Nacional de Belas-Artes, de companhia com outros camaradas, Carlos Bonvalot maravilhou todos quantos foram admirar os seus quadros, que revelam uma nova técnica e uma nova visão. Nesta exposição última, tem apenas um quadro a óleo — *O Sacristão de Santo António dos Portugueses em Roma*, admirável de cor, — e algumas aguarelas curiosas. Carlos Bonvalot é dos poucos novos que mais tem progredido de ano para ano.

Ortigão Burnay. — Acusa influências de pintores espanhóis, mas a sua individualidade está acima de tudo. É aristocrática a sua pintura. O *Retrato* (n.º 32) é duma notável elegância. As mãos da dama, de dedos longos e finos, foram pintadas com delicadeza e mestria. O retrato de Sua Eminência o Cardinal Patriarca, muito feliz de expressão. Austeridade, carácter. As mãos admiravelmente pintadas. Qualquer coisa de novo Ortigão Burnay veio trazer à pintura portuguesa.

D. Maria A. Pires Chaves. — Quasi todas as senhoras são delestáveis amadoras de pintura, mas a sr.ª D. Maria Pires Chaves foge, excepcionalmente, à regra. São dignas de louvor as suas paisagens, pintadas com delicadeza e cuidado.

Adriano Costa. — É já um nome feito. Progride sempre. Lindo o quadro — *Casas da Beira*.

Falcão Trigoso. — Há qualquer coisa de convencional na sua técnica. As suas pinceladas deviam ser mais largas, mais espontâneas e a sua cor mais flagrante. Não lhe faltam qualidades.

D. Maria Braacamp de Figueiredo. — É uma outra senhora perante quem nos devemos inclinar. Tem dois desenhos muitíssimo bons e um retrato a óleo digno de especial registo.

Joaquim Lopes.—É dos poucos artistas que melhor se apresentaram este ano. Possui esplêndidas qualidades. Pincel firme, espontâneo e ágil. A cor invulgar. A *Feira Minhota* digna de museu. Belos — *A Rapariga dos Diáspiros*, o *Chale rosa e Terras de Sebadelhe*.

Manuel Maria Lúcio.—Tem paisagens curiosas. Merece registo o *Rio Vouga*. Que nos lembre é a primeira vez que o vemos em Lisboa. Discipulo do ilustre pintor Artur Loureiro — tem diante de si um belo futuro.

Emérico H. Nunes.—É uma individualidade no nosso meio artístico. Interessante a *Cruz Quebrada*, e as suas caricaturas admiráveis de expressão.

João Reis.—É nas paisagens sentimentais que o seu pincel toma maior delicadeza. Discipulo de seu pai, o ilustre pintor Carlos Reis, ainda não se libertou da tutela do mestre. Mas os seus quadros vão ganhando a pouco-e-pouco originalidade.

Eduardo Romero.—Pintor de interiores e *natureza morta*. Como seu glorioso mestre — Columbano — Eduardo Romero vive também eternamente enamorado da sua Arte.

Depois de Columbano é ele quem melhor pinta a *natureza morta*.

D. Alda Santos.—Merece lisongeira referência esta senhora. Tem qualidades belas para triunfar e os seus quadros merecem atenção.

Fernando dos Santos.—O pintor das marinhas de Setúbal e dos jardins. Agradou-nos mais a *Tarde Sombria* e *No Montado* do que a *Friorenta*.

Alves de Sá.—É um dos nossos maiores aguarelistas. Há desenho, delicadeza, proporção, justeza de cor, transparência, leveza nas suas aguarelas.

D. Helena Roque Gameiro.—Tem esta senhora uma longa cõrte de admiradores. Merece-a. A sua maneira é original e curiosa.

Leitão de Barros.—Pouco feliz no seu *Nun' Alvares*. As suas paisagens são bastante impressivas.

Paulino Montez.—Esplêndidas as suas aguarelas. Paulino Montes desenha admiravelmente e mancha as aguarelas com espontaneidade. Há colorido e relêvo nos seus trabalhos.

Martinho da Fonseca.—Um dos discipulos queridos de Columbano. Notável a sua maneira de desenhar. O seu traço é inconfundível. Apresenta apenas três trabalhos, que por si bastariam para consagrar um artista: — *Mãe*, *Charmeuse* e *Enlévo*. Martinho apresenta ao público duas discipulas: D. Helena e D. Izabel Gentil, que prometem, se estudarem.

Eduardo Malta.—Os seus retratos a carvão, bem desenhados, com uma notável simplicidade — apenas os traços precisos — tem relêvo e personalidade. As mãos são sempre marcadas com uma grande elegância.

Saavedra Machado.—O ilustre director artistico da *Alma Nova* expõe oito trabalhos. Acima de tudo é um grande desenhador. Para a sua pênna não há segredos. O quadro que apresenta com *Desenhos de arqueologia* e etnografia do *Museu Etnológico Português* documenta o seu valor como um verdadeiro mestre de desenho. Mas Saavedra Machado não é só um excelente desenhador scientifico. A sua sensibilidade de artista mostra-se nos carvão — *Sentinelas* (Árvores da Capela nas Terras do Duque) árvores sôzinhas — tristes de uma tristeza incompreendida e humana...

Os retratos, curiosos de técnica, de uma grande semelhança.

Francisco Valença.—Apresenta seis caricaturas graciosas. Valença desenha com facilidade e vê sempre os seus caricaturados pelo lado grotesco.

A escultura quasi que não foi representada este ano. Nem Ernesto do Canto, nem Francisco Santos, Maximiniano Alves, Diogo de Macedo. Apenas Júlio Vaz Júnior, D. Izabel Gentil, António da Costa e Rogério de Andrade, que apresentam algumas coisas curiosas.

Na architectura — dignos de registo, apenas Paulino Montez, que compreendeu e sente o espirito e o estilo nacionalista, e Jorge Segurado — delicado temperamento de artista.

As estilizações do architecto Francisco dos Santos, são curiosas, mas estão longe de interpretar o estilo português, de linhas simples e sóbrias. A casa deve ser a materialização lirica da paisagem. Para se construir uma casa é preciso compreender, sentir a paisagem primeiro.

Vai a crónica já longa. Falei de alguns artistas apenas, esqueci outros, e alguns propositadamente.

É para o fim guardei o meu proteslo contra o júri, que recusou alguns trabalhos de Samora Barros — um dos maiores pintores da nova geração, e dos que melhor tem interpretado a paisagem algarvia. Não se compreende esta insólita altitude do júri, que foi de uma escandalosa complacência para com muitos meninos e meninas, que por vaidade própria e a conselho das familias ingênuas, foram dependurar na Sociedade Nacional de Belas-Artes os seus tremendos mamarachos — v. g., entre muitos outros, os que tinham no Catálogo os n.ºs 16, 17, 18, 19, 133 e 136.

REBELO DE BETTENCOURT.

.....

N. da R.—Em virtude de ter estado doente o nosso director artistico, só no próximo numero nos referiremos às exposições dos artistas João José Gomes, M.^{te} Mily Possoz, Lyster Franco, Cerqueira Machado e A. Salazar, Mário de Sousa Gomes, Jorge Barradas, M.^{te} Aninhas Colaço, etc.

.....

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS: ARQUITECTURA
"O ROMANO-GÓTICO EM PORTUGAL"

Por NOGUEIRA GONÇALVES